

Volta à cidade*

Para Antonio Hernández Soriano

NOVA YORK

Oficina e denúncia

A Fernando Vela

Federico García Lorca **

Debaixo das multiplicações
há uma gota de sangue de pato;
debaixo das divisões
há uma gota de sangue de marinheiro;
debaixo das somas, um rio de sangue terno.
Um rio que vem cantando
pelos dormitórios dos arrabaldes,
e é prata, cimento ou brisa
na aurora mentida de Nova York.
Existem as montanhas. Eu o sei.
E os antolhos para a sabedoria.
Eu o sei. Mas eu não vim para ver o céu.
Eu vim para ver o turvo sangue.
O sangue que leva as máquinas às cataratas
e o espírito à língua de cobra.
Todos os dias se matam em Nova York

* Texto indicado por Laerte F. Levai e Publicado em LORCA, Federico García. **Obra Poética Completa**. 5ª ed. Trad.: William Agel de Melo. São Paulo: Editora UNB, IMESP, 2004. p. 477-481.

** Poeta espanhol nascido na região de Granada, na Espanha, em 05 de junho de 1898, e que faleceu nos arredores de Granada no dia 19 de agosto de 1936, assassinado pelos “Nacionalistas” com um tiro na nuca. Nessa ocasião o general Francisco Franco dava início à guerra civil espanhola. Apesar de nunca ter sido comunista – apenas um socialista convicto que havia tomado posição a favor da República – Lorca, então com 38 anos, foi preso por um deputado direita que justificou sua prisão sob a alegação de que ele era “mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver”.

quatro milhões de patos,
cinco milhões de porcos,
duas mil pombas para os agonizantes,
um milhão de vacas,
um milhão de cordeiros
e dois milhões de galos,
que deixam os céus em pedaços.
Mais vale soluçar afiando a navalha
ou assassinar os cães
nas alucinantes caçadas,
que resistir na madrugada
aos intermináveis trens de leite,
aos intermináveis trens de sangue
e aos trens de rosas manietadas
pelos comerciantes de perfumes.

Os patos e as pombas
e os porcos e os cordeiros
põem suas gotas de sangue
debaixo das multiplicações,
e os terríveis alaridos das vacas espremidas
enchem de dor o vale
onde o Hudson se embriaga com azeite.

Eu denuncio a toda a gente
que ignora a outra metade,
a metade irredimível
que levanta seus montes de cimento
onde palpitam os corações
dos animaizinhos que se olvidam
e onde cairemos todos
na última festa dos trados.

Cuspo-vos na cara.

A outra metade me escuta
devorando, urinando, voando em sua pureza,
como os meninos das portarias

que levam frágeis palitos
aos ocos onde se oxidam
as antenas dos insetos.
Não é o inferno, é a rua.
Não é a morte, é a frutaria.
Há um mundo de rios quebrados
e distâncias inatingíveis
na patinha desse gato
quebrada pelo automóvel,
e eu ouço o canto da lombriga
no coração de muitas meninas.
Óxido, fermento, terra estremecida.
Terra tu mesma que nadas
pelos números do escritório.
Que vou fazer? Ordenar as paisagens?
Ordenar as árvores que logo são fotografias,
que logo são pedaços de madeira
e goles de sangue?
Santo Inácio de Loiola
assassinou um pequeno coelho
e ainda seus lábios gemem
pelas torres das igrejas.
Não, não, não, não; eu denuncio.
Eu denuncio a conjura
destes desertos escritórios
que não irradiam as agonias,
que apagam os programas da selva,
e ofereço-me para ser comido
pelas vacas espremidas
quando seus gritos enchem o vale
onde o Hudson se embriaga com azeite.